

NOVOS LETRAMENTOS, NARRATIVAS E HISTÓRIA LOCAL

Alessandra Ramos dos Santos Miranda (UFAL)

alessandrarmiranda@hotmail.com

Andréa da Silva Pereira (PPGLL/UFAL)

andreas.p.alp@gmail.com

Danielly Bezerra dos Santos (UFAL)

danisantos016@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa discute como a falta de uso da linguagem em contextos de trabalho pode interferir na construção da identidade social da Associação das Mulheres Bordadeiras¹ do Pontal, da Comunidade do Pontal da Barra, vila localizada em Maceió, Alagoas². Nessa vila, os moradores estão, de certa forma, constituídos enquanto comunidade, entretanto eles ainda não têm clareza de sua identidade social. As associações que lá já existem apresentam dificuldades de se organizarem e de obterem melhorias no ambiente de trabalho devido aos problemas de comunicação. Observa-se certa alienação do potencial de trabalho, bem como dos direitos e deveres das bordadeiras, dificuldades nas negociações das comissões sobre as vendas, problemas na gestão do trabalho e falta da noção de coletividade. Diante dessa realidade, iniciamos um projeto de extensão no primeiro semestre de 2013, intitulado *Novos Letramentos e Ativismo Social: em busca de uma palavra outra para as mulheres da Comunidade do Pontal da Barra*, com o objetivo central de introduzir na Associação novos usos da escrita, mediados ou não por tecnologia digital, visando à construção da identidade da comunidade envolvida e à luta por mudanças nas condições de trabalho e de vida.

Os resultados advindos dessa fase inicial de trabalho extensionista nos mostraram³, por meio de um estudo dialógico-discursivo, um silenciamento das vozes⁴ das integrantes da Associação durante oficinas de letramentos voltadas para o contexto de trabalho. Entre os principais motivos desse silenciamento foi identificada, em primeiro lugar, a dificuldade das mulheres em usarem a atividade de linguagem como prática social no contexto de trabalho do bordado dos filés, dificuldade essa que é fruto do problema histórico de políticas linguísticas para educação de base no Brasil que, de

¹ As bordadeiras do Pontal, também conhecidas como rendeiras, se dedicam ao trabalho artesanal de confecção de um bordado/renda característico de Alagoas conhecido como *filés*.

² Esta pesquisa faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – referente aos anos de 2013-2014, e foi desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira, da Faculdade de Letras – FALE – da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. O projeto recebe a colaboração de mais duas bolsistas graduandas da UFAL: Danielly Bezerra dos Santos e Alessandra Ramos dos Santos Miranda, que são coautoras deste artigo.

³ Na fase inicial, além das oficinas de letramento voltadas para o contexto de trabalho das bordadeiras, ocorridas em um espaço cedido pela presidente da associação, foram também realizados encontros com as associadas, que chamamos de *rodas de conversas*, e entrevistas semi-estruturadas. Tanto as produções das oficinas quanto as interações verbais das rodas de conversa e das entrevistas, gravadas em áudio e vídeo, nos serviram como instrumentos de coleta de dados para análise. É importante ressaltar que, como a Associação das Bordadeiras carece de uma sede própria, a presidente utiliza o espaço de sua própria loja para reunir as associadas.

⁴ Por vozes, leia-se vozes sociais no sentido utilizado por Mikhail Bakhtin e seu Círculo – conforme abordaremos mais adiante neste artigo. Elas se referem aos posicionamentos linguístico-discursivos dos sujeitos diante de determinados valores sócio-ideológicos circulantes nas comunicações verbais.

um lado, privilegiam os segmentos mais elitizados de nossa sociedade e, de outro, promovem o preconceito linguístico e a violência simbólica pela prática do ensino de língua para aqueles que são excluídos.

Em segundo lugar, percebemos problemas de relação de poder instauradas na Associação. A líder do grupo das associadas, provavelmente por ter maior bagagem sociocultural, é também a responsável por trazer as demandas de trabalho com as rendas, e, dessa forma, imprime sua força política na base da lógica de mercado. Na maioria das situações enunciativas coletadas durante o trabalho extensionista, a voz da líder é, se não a única, a de predomínio entre as mulheres, daí o silenciamento de outras vozes⁵.

A inserção dos cidadãos no mundo da leitura e da escrita começa a ser instaurada na medida em que estes vão se (re-) descobrindo e se reconhecendo como portadores de vozes, ou seja, quando, pelo uso das linguagens, eles se tornam sujeitos das situações comunicativas. Partindo desse pressuposto, os resultados iniciais da primeira fase de trabalho nos levaram a propor esta investigação, que, como objetivo geral, busca resgatar a voz das bordadeiras e reconstruir a sua história local, trazendo a elas a noção de identidade e de coletividade, por meio da escuta de suas narrativas de vida. Esse objetivo atende ao primeiro problema de pesquisa identificado no trabalho de extensão descrito anteriormente – a saber: o silenciamento das vozes das mulheres bordadeiras um função dos problemas históricos causados pela política linguística no Brasil – e, assim, serão desenvolvidos na Associação com as bordadeiras. Como objetivos específicos, busca, por meio de uma abordagem etnográfica, a) conhecer as relações entre a escola e a comunidade, tanto do ponto de vista dos moradores, quanto do da própria escola e b) investigar de que forma a escola dá conta das necessidades de uso da linguagem na comunidade onde ela se insere. Com os objetivos específicos, pretendemos investigar se a escola pode assumir o papel de agenciadora das necessidades de letramento das bordadeiras.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e se vale das abordagens metodológicas da Pesquisa Narrativa (CONNELLY e CLANDININ, 2004) e da Etnografia na esfera escolar (ROCHA & TOSTA, 2009). . A escolha pela Pesquisa Narrativa como método se justifica pelo fato de que o foco é entender o como as pessoas experienciam e compõem significados de suas histórias vividas. O ponto mais importante é ouvir as histórias das pessoas, de modo a se entender como elas pensam ou interpretam o modo como os eventos interferem e influenciam suas vidas, a partir, em um momento inicial, da perspectiva do participante. Dessa maneira, a forma como, por exemplo, os membros de uma família interagem não é mais importante do que a forma como as pessoas sentem e expressam as interações, porque, de acordo com a perspectiva de Pesquisa Narrativa, os significados que alguém constrói ou compõe são internos (de dentro) e externos (para fora) e é por isso que se faz preciso ouvir as histórias das pessoas. Em um momento posterior, torna-se também relevante verificar como o pesquisador pensa e expressa o que os participantes vivem, contam e interpretam sobre suas histórias e sobre novas histórias a serem vividas. (cf. CONNELLY e CLANDININ,

⁵ Até o momento em que ainda não havíamos identificado os problemas de relação de poder que contrapunham a presidente e as associadas, usávamos a loja da presidente para as oficinas de letramento. Ao tomarmos consciência dessa relação assimétrica, entendemos ser necessário usar outro espaço para a realização das oficinas e das rodas de conversa, a fim de que as associadas pudessem ficar mais à vontade nas práticas com a linguagem. No segundo semestre de trabalho na extensão, passamos então a usar as salas da Escola Municipal Silvestre Péricles, que fica na circunvizinhança do espaço que funciona informalmente como sede da Associação.

2004, p.53). A opção pela metodologia etnográfica se justifica pelo fato de ela considerar que o modo como entendemos as coisas está relacionado à distância que assumimos perante elas. Nesse caso, a proximidade e a interação entre os pesquisadores participantes do projeto e as comunidades, no caso a das Bordadeiras do Pontal, proporcionarão formas de entendimento do contexto geral histórico e social e do particular. Dessa forma, “o processo de interpretação do significado de uma cultura corresponde na verdade a um processo de compreensão do que as pessoas dizem, pensam e acreditam que estão fazendo quando realizam uma ação social.” (ROCHA & TOSTA, 2009, p.54). Nessa perspectiva, o ouvir do pesquisador traz uma complexidade maior, uma vez que expõe a natureza da relação entre pesquisador e pesquisado.

A observação, descrição e reconstrução de mundos culturais originais da Associação das Mulheres Bordadeiras do Pontal, possibilitando-nos fazer um registro detalhado de fenômenos singulares do grupo constituem ações metodológicas próprias da Etnografia e da Pesquisa Narrativa e, nos limites deste estudo, serão combinadas com a abordagem dialógica-discursiva de inspiração bakhtiniana para a pesquisa em Ciências Humanas e com abordagens de tradição sociointeracionista (GOFFMAN, 1981; GUMPERZ, 1982,1996) que se propõem investigar os modos de construção da interlocução social mediada pela linguagem oral. Nessa perspectiva, na busca por observar, descrever e reconstruir nosso destinatário na Associação das Mulheres, não nos será suficiente identificar nosso público real ou seus constrangimentos reais próprios daquele contexto, mas, para além disso, importa buscar as instâncias criadoras de sentido situadas sócio-historicamente que vêm ou não à tona nas interações verbais da pesquisa.

Este estudo faz parte das pesquisas realizadas no Grupo de Estudos Observatório da Linguagem em Uso, inserido na linha de pesquisa da Linguística Aplicada, da FALE/PPGLL e está organizado em três seções. Na primeira, descrevemos os procedimentos de coleta de dados. Na segunda, será apresentada a perspectiva teórica que sustenta a pesquisa. A terceira parte discute os resultados da análise dos dados coletados na Associação das Bordadeiras e na Escola Municipal Silvestre Péricles. Por fim, apresentamos as considerações finais deste artigo.

1. Coleta de dados: procedimentos

Entendendo que as abordagens metodológicas aqui utilizadas destacam como relevante a relação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa a partir da problematização da sua inserção [dele pesquisador] no universo investigado, consideramos ser importante uma descrição mais detalhada sobre os procedimentos de coleta de dados, o que ocorrerá nesta seção do artigo.

Antes da realização das entrevistas semiestruturadas, cada uma de nós, pesquisadoras, organizou a coleta das fontes primárias, que, conforme explicitado na parte introdutória deste artigo, constituíram-se de algumas fotografias, vídeos, amostras de cadernos de anotação de vendas, de compras, de estoque, bilhetes e anotações sobre vendas, pedido; dos diários do pesquisador, nos quais constam anotações sobre conversas informais com moradores do Pontal da Barra, impressões, entre outros; dos registros dos processos de negociação e de desenvolvimento dos projetos propostos.

Ainda antecedendo a realização das entrevistas semiestruturadas, contatamos por telefone ou pessoalmente as bordadeiras associadas (foram sete associadas), as gestoras (diretora, vice-diretora e coordenadora pedagógica) e os servidores (dois auxiliares) da escola, a fim de agendarmos as conversas. Importante ressaltar que, tanto

com as bordadeiras como com os profissionais da escola, já havíamos tido uma convivência que perdurou todo o processo de um ano de trabalho de extensão.

Procuramos não utilizar procedimentos tradicionais para a realização das entrevistas, o que, neste caso, significa dizer que não consideramos nossas entrevistadas apenas como informantes e procuramos não usar do poder da autoridade de quem faz as perguntas, criando-se assim, um campo ilusório de interação. Ao contrário, buscamos o máximo possível manter as condições efetivas do diálogo. Nessa perspectiva, no caso das entrevistas com as bordadeiras, por exemplo, tivemos o cuidado de explicar a elas o objetivo da escuta das histórias. Já às gestoras e aos auxiliares da escola, também justificamos os motivos pelos quais gostaríamos de saber com mais detalhes qual era a visão da escola em relação ao seu papel da comunidade.

A seguir, encontram-se os dois roteiros utilizados para as que tiveram a duração de, aproximadamente, trinta minutos.

Roteiro da entrevista com as bordadeiras

- Qual o seu nome, local de nascimento, idade, filiação e origem (migrante ou não-migrante)? Há parentes vivendo no Pontal?
- Queremos saber desde quando mora no Pontal e qual sua memória sobre o bairro/vila e de que forma ela ou seus parentes estão ligados ao Pontal.
- É casada, tem filhos?
- Qual é a atividade de cada um?
- O que fazem nas horas vagas: TV, computador, conversar, etc. (aqui estamos interessados na cultural oral)?
- Quais são seus hábitos de leitura?
- Como é sua vida? [Procurar saber como ela avalia a vida dela nos vários aspectos: profissional, pessoal, familiar, etc.]
- E a escola? Fale sobre sua vida escolar. [Queremos saber o histórico escolar dela e sobre qual a importância da escola (instituição) e da escolaridade que ela tem ou desejaria ter]
- O você deseja para seus filhos.
- Você faria curso do EJA? Por quê? [procurar saber do que ela sente falta, com relação aos saberes escolares]
- Quais saberes (letramentos) não escolares você valoriza? Como os aprendeu? [Estamos aqui tentando adentrar nos letramentos valorizados e os não valorizados, para verificar a proximidade da escola com a comunidade]

Roteiro da entrevista com as gestoras e servidores auxiliares:

- Qual o seu nome, local de nascimento, idade, filiação e origem (migrante ou não-migrante)?
- Há parentes vivendo no Pontal?
- Qual cargo você ocupa na Escola de Ensino Fundamental Silvestre Péricles?
- Qual a sua opinião sobre a importância da escola para o bairro?
- Qual é o papel que você acredita estar cumprindo, suas limitações (e suas causas e consequências)?
- Você conhece alguma história de alunos, pais e mães?
- A respeito dos computadores: como foram inseridos no contexto escolar e por quê? Quem é o responsável pela questão da conexão (quem passou os cabos de banda larga, quando, por que não funcionam)? Existe algum plano de uso,

alguma formação dos professores, técnicos ou verba para manutenção e atualização?

- Existe algum projeto para inserção das linguagens digitais na escola?

Logo após as gravações, foram realizadas as transcrições das narrativas de acordo com a Análise da Conversação, doravante AC, mais especificamente com a metodologia utilizada pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta – NURC/SP. O corpus de análise foi constituído pelas entrevistas realizadas com as sete associadas e com as três gestoras e os dois auxiliares da escola.

2. Processos de referenciação como enquadres das interlocuções sociais face a face

Constituem os fundamentos teóricos dessa pesquisa a concepção *dialógica da linguagem*, tal como proposta por Mikhail Bakhtin e seu Círculo e, de maneira articulada e não contraditória, a noção de *enquadre* da Análise da Conversação, conforme propõe Goffman, 1981. Da arquitetura bakhtiniana para o trabalho com a linguagem, destacamos como aporte dessa investigação a noção de signo ideológico, da qual derivam as noções da referenciação e a da refração do signo:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). (1929/1995, p.32)

A noção teórica da refração presente no pensamento bakhtiniano nos mostra que duas operações ocorrem simultaneamente nos signos durante o processo de referenciação da comunicação verbal: a operação de referenciação – por meio da qual descrevemos o mundo – e a operação de refração – pela qual interpretamos o que descrevemos, carregando nossos enunciados de índices de valor social e ideológico que indicam a orientação axiológica nas relações dialógicas das mais variadas interações verbais.

A realidade contemporânea do mundo do trabalho, própria da sociedade neoliberal, global e globalizada, tem imprimido um caráter monológico à palavra de modo a impossibilitar a escuta da voz do outro como aquele que é diferente. Ela, a palavra, concebida como signo ideológico por excelência, não apenas reflete, mas também refrata realidades. A palavra pode assim apontar para a presença de vozes marcadas por valores hegemônicos da linguagem oficial do tempo presente circulando em diversos campos da atividade humana, de modo a atenuar (ou até mesmo esconder?) ao máximo a dialética interna do signo, este constitutivamente heterogêneo, mas, ao mesmo tempo e a despeito de quaisquer forças hegemônicas, passível de ser confrontado e alterado, uma vez que nenhuma ordem social é absoluta.

Essa simultaneidade de operações – referenciação/refração – forma uma tensão de base e, no contexto de nossa investigação, cujos corpora são constituídos por s interações face a face, funciona como *enquadres* discursivos.

Para Goffman, um princípio básico para a compreensão do discurso oral e para a análise das interlocuções é o conceito de *enquadre* (ou *footing*), que: “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção”. (GOFFMAN, 1981, p.70).

Os enquadres, segundo o autor, são instáveis, ou seja, são apresentados, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e alterados durante a interação.

O estudo desses aspectos sociológicos presentes na materialidade discursiva nos possibilita investigar o desempenho das identidades sociais dos participantes envolvidos nas interações orais das entrevistas.

3. A emergência da voz social das mulheres do Pontal da Barra

Antes de entrarmos na análise dos dados, é importante detalhar algumas características do perfil das associadas. Todas as sete bordadeiras são moradoras do Pontal; seis são casadas e uma é solteira. A média de idade do grupo passa dos 45 anos, somente duas delas estão na faixa dos trinta. As mulheres que integram a Associação têm sua renda assegurada da venda informal de filés. Apenas uma delas tem emprego formal. A maioria das mulheres tem educação básica incompleta, problemas de letramento e de analfabetismo.

Um exame das narrativas coletadas das sete bordadeiras da Associação nos possibilita a localização de dois tópicos: o da atividade do filé como tradição do bairro e o da atividade do filé como trabalho. A identificação e escolha desses tópicos para análise são relevantes, pois estão diretamente ligados ao objetivo geral de nossa investigação de buscar resgatar a voz das bordadeiras e reconstruir a sua história local, trazendo a elas a noção de identidade social no contexto do trabalho, por meio da escuta de suas narrativas de vida.

No que diz respeito ao tópico da atividade do filé como tradição, as operações da referência e da refração, apresentaram, em parte, um posicionamento das bordadeiras em relação ao trabalho do filé já por nós esperado: o da valorização apreciativa. Vejamos esse posicionamento em alguns trechos da transcrição: [trecho 1 - R1] ⁶“a minha mãe também era rendeira e até hoje... isso aqui quem tá fazendo é ela ((mostra a rede com a renda)) [L1]. e é... e você aprendeu com ela? [R2]. APRENDI com ela ((parece satisfeita)) [...] AQUI NA PRACINHA... a gente sempre fica na pracinha ou aí na porta ...”. [trecho 2 -R4] :” ...no caso esse daí da/ do bordado néh... que foi que veio já da minha mãe que já me ensinou eu/ eu devo tudo isso aí a ela... é:: já fiz um curso de re::de... já dei o curso de rede pra alguns alunos... então me senti bem realizada néh... em saber que eu vou passando aquilo que minha mãe passou pra mim pra aquelas pessoas...” [trecho 3 -R5]:...APRENDI ASSIM FAZER FILÉ:: é uma coisa que eu valorizo muito... que eu não sabia de jeito nenhum... até quando eu trabalhava... eu falava pra mim mesmo ah:: eu nunca vou aprende:: ai néh:: aprendi:: ((pareceu satisfeita))... aprendi com minha filha... COM A MINHA FILHA E OUTRAS PESSOAS FAZENDO:: eita:: esse ponto ai eu não sei me ensina.”.

Nesses trechos, flagramos o tom apreciativo da atividade do filé como tradição pelas ênfases em tom afetivo (ex. *APRENDI*; *APRENDI ASSIM FAZER FILÉ*, etc), b) expressões faciais e gestuais, conforme os comentários em duplo parêntesis na transcrição nos informam, c) relação espaço-temporal que marca a manutenção da tradição do filé no passado e no presente (ex. *APRENDI* com ela ((parece satisfeita)) [...]) *AQUI NA PRACINHA*... a gente sempre fica *na pracinha* ou *aí na porta* e d) escolhas semânticas qualificadoras (ex. é uma coisa [filé] que eu *valorizo* muito) acompanhadas de modalizadores deônticos relacionados ao eixo da conduta (...no caso

⁶ Para resguardar a identidade das bordadeiras, identificaremos os trechos das transcrições utilizando-nos da letra R (rendeira). As referências a L1 indicam a fala da pesquisadora.

esse daí da/ do bordado néh... que foi que veio já da minha mãe que já me ensinou eu/ eu *devo* tudo isso aí a ela...).

Do ponto de vista do enquadre, os elementos da refração desses trechos analisados não afetam a projeção do “eu” das bordadeiras em relação ao “outro” de nós, pesquisadores, tal qual tínhamos construído em um primeiro momento durante todo o trabalho de extensão; circulava nos discursos das associadas o mesmo posicionamento apreciativo em torno do filé.

Contudo, quando o tópico da atividade do filé como trabalho veio à tona no momento das entrevistas semi-estruturadas, percebemos alteração do enquadre e, assim, outra aspecto identitário passou a emergir no discurso das rendeiras.

Vejam os trechos em que a atividade do filé como tradição e como trabalho estão mescladas: [trecho 4 - R2]: eu aprendi com a minha mãe... minha mãe e minha irmã... E MINHA FILHA HOJE também sabe fazer filé que eu ensinei a ela... entendeu?... mas eu NÃO QUERO ela no filé não... quero ela estudando... [trecho 5 - R3]: ...através do artesanato e da pesca... [...] é passatempo... não sobrevivem disso [...] porque a renda não dá... hoje em dia tem recursos melhores néh... (...) eu escolhi mesmo (...) ser bordadeira néh (...) aprendi com minha mãe... quando tinha oito anos de idade...

No trecho 4, há uma referência ao processo gradativo de tradição do filé (*eu aprendi com a minha mãe... minha mãe e minha irmã... E MINHA FILHA HOJE também sabe fazer filé que eu ensinei a ela*), seguida, porém, de um aspecto disruptivo desencadeado pela presença do operador argumentativo que contrapõe argumentos orientados para posições contrárias “mas”, quando o subtópico da atividade de filé como trabalho vem à tona (mas eu NÃO QUERO ela no filé não... quero ela estudando...). Destacam-se nesse disruptivo as múltiplas ênfases: entonação alterada pelo tom da voz, performativo ligado às modalidades deonticas da ordem/obrigação/proibição (NÃO QUERO) e dupla negação (mas eu NÃO QUERO ela no filé não...). No trecho 5, o movimento é contrário: a bordadeira desqualifica o trabalho da renda e da pesca (*é passatempo, não é atividade de sobrevivência*), mas admite que acabou escolhendo o bordado.

As interpretações depreciativas resultantes da operação da refração nos trechos 4 e 5 que articulam os dois tópicos – atividade do filé como tradição e atividade do filé como trabalho – apontam para uma modificação do enquadre na interlocução com as bordadeiras e, com isso, aspectos da identidade social delas começam a ser por nós construídos em direção a diferentes orientações axiológicas. Essa mudança vai se consolidar nos tópicos em que elas tratam da atividade do filé como trabalho.

Vejam os trechos a seguir. [trecho 6 - R1]: “É uma rendinha a mais pra mim é bom que só porque eu tenho o meu:... MAS a rendinha dele também é bonzinho”; [trecho 7 - R2]: “... ((silêncio/pensativa)) assim:... PORQUE O FILÉ A GENTE FAZ FILÉ néh... o filé néh... eu hoje me arrependo porque eu não terminei os meus estudos... porque eu poderia ter feito uma coisa melhor pra mim... PORQUE FILÉ É ASSIM... quer que eu seja sincero? L1. sim R2. a gente fa::z o filé::... mas não é um futuro...” [trecho 8 - R3]: “porque hoje é um meio de sobrevivência néh... onde eu tenho uma rendinha extra... E É UMA TERAPIA E PASSATEMPO...” ; [trecho 9 – R4] “olhe... eu não vou dizer a você que eu GOSTO DE FAZER O FILÉ... EU GOSTO DE FAZER O FILÉ... mas assim se eu tiver OUTRA ATIVIDADE... eu vou correr atrás de outra atividade que me dê mais:: um troquinho a mais::...”; [trecho 10 - R5]: “ah:: gostaria assim/ porque filé não do muito/ assim filé/ num num é uma renda fixa néh... você hoje faz... é por temporada... aí se eu encontrasse assim um um:: trabalho de um

um horário só...(...) eu estou realizada... agora eu to falando assim UM EXTRA NÉH SE TIVESSE... OUTRA ATIVIDADE ENTENDE?”

Dos trechos 6 ao 10, as valorações depreciativas à atividade do filé como trabalho se manifestam de diferentes formas e : a) em tom irônico, a renda que advém do trabalho com o filé vira “rendinha”; o trabalho com o filé é desqualificado (os estudos podem oferecer *coisa melhor*, não dá *futuro*, é uma *rendinha extra*; é uma *terapia* ou *passatempo*, mas não é trabalho). Com isso, a mudança do enquadre nos possibilitou flagrar um diferente desempenho das identidades sociais e linguísticas das bordadeiras em uma situação face a face. Diante dessa identidade emergente que se constituiu no discurso (emergente, pelo menos, para nós, pesquisadores), pudemos compreender mais a fundo o silenciamento que encontramos no trabalho com os letramentos ligados ao contexto de trabalho do filé na Associação. Percebemos que a característica da refração no discurso das mulheres mostra que elas não valorizam o filé como trabalho, revelando assim mais um motivo pelo qual as demandas de uso da escrita para o trabalho não fizeram sentido para elas.

4. O papel da escola como possível agenciadora de letramento na Associação das Mulheres do Pontal

A Escola Silvestre Péricles fica localizada no centro comercial do Pontal da Barra, próxima da loja que pertence a presidente da Associação, onde as bordadeiras fazem suas reuniões periódicas e onde desenvolvemos as oficinas de letramento na primeira etapa de trabalho na extensão. A escola atende à demanda do Ensino Fundamental I e II, no período diurno e, no noturno, iniciou um trabalho com a Educação de Jovens e Adultos.

Durante a segunda fase do projeto de extensão, a escola dos cedeu algumas de suas salas para a realização das oficinas de letramento, que, por ocorrerem aos sábados, não trouxeram prejuízos para as atividades regulares que lá ocorrem durante a semana. Essa abertura inicial da escola foi para nós uma indicação de que a visão social dos seus gestores e servidores técnicos poderia, futuramente, ser ampliada para mais ações e projetos com a própria Associação das Bordadeiras, como continuidade do trabalho realizado, e com outras associações da comunidade do Pontal.

Conhecer, por meio de um estudo dialógico-discursivo, as relações entre a escola e a comunidade, tanto do ponto de vista dos moradores, quanto do da própria escola e investigar de que forma a escola dá conta das necessidades de uso da linguagem na comunidade onde ela se insere, constituíram os objetivos específicos que complementam o objetivo geral desta investigação.

Perseguindo a mesma temática da atividade do filé como trabalho, as operações de refração nos possibilitaram verificar duas posturas distintas, se não contraditórias, na esfera da escola: uma referente ao ponto de vista dos servidores auxiliares-técnicos, que, por também serem moradores do bairro, falam do lugar social da comunidade e, a outra, relativa à visão das gestoras que, por serem todas de outras cidades, têm um olhar externo para a comunidade, impedindo-as de enxergar algumas de suas necessidades locais.

Iniciemos pelas entrevistas com os dois auxiliares técnicos da Silvestre Péricles. [trecho 1 – Servidor1] “não... tem nada tem não... as crianças não querem não... querem nada... tem umas que dizem ‘eu quero nada ser rendeira ficar com dor nas costas’ tem muita gente que diz isso... as meninas daqui estão tudo indo trabalhar no Detran os rapazes... sim os que saem daqui já na oitava série olhe estão trabalhando no Detran...

aqueles pivetinhos não é que trabalham tem uns DEZ daqui que trabalham no Detran... é... pode ir lá que você vê tudo é daqui do Pontal aqueles meninos...”; [trecho 2 – Servidor2] “eu fui estudar fiz até o terceiro ano fiz magistério tudo PRA trabalhar... agora no tempo do meu pai realmente sim... eu falo muito isso antigamente o menino a menina NÃO vinham pra escola... na verdade meu pai não vinha pra escola mas saía com meu avô pra pescar... ele tinha ESSA obrigação...”

Em ambos os trechos circulam a valoração depreciativa em relação às atividades de trabalho do filé e da pesca (esta última, mais praticada pelos homens do Pontal). Destacam-se no trecho 1 as ênfases da repetição das expressões negativas em torno da atividade do filé como futuro: *(não... tem nada tem não... as crianças não querem não... querem nada... tem umas que dizem 'eu quero nada ser rendeira ficar com dor nas costas' tem muita gente que diz isso)*. No trecho 2, a interpretação depreciativa do trabalho com o filé como profissão pode ser flagrada na ênfase do tom: *eu fui estudar fiz até o terceiro ano fiz magistério tudo PRA trabalhar* [como professora e não como rendeira].

A circulação dos valores depreciativos em relação às atividades do bordado dos filés (e da pesca) nos remete ao mesmo enquadre que obtivemos na interlocução com as com as bordadeiras, confirmando assim um traço identitário da comunidade importante para pensarmos em atividades de trabalho com usos da escrita na perspectiva do letramento em situações de trabalho.

Interpretação oposta pode ser encontrada no discurso das gestoras. Vejamos os trechos a seguir: [trecho 3 – Gestora1] “eles[alunos/as] têm mais ou menos essa visão dos pais... eles não têm objetivos... são poucos também que têm objetivos de crescer de PENSAR numa faculdade... eu acredito que eles crescem nessa/sabe nessa visão... eu vou estudar mas eu tenho a minha profissão já... sabe eles crescem a gente já vê os meninos onze doze anos as meninas já aprendendo a fazer renda e querendo aquilo ali como sua profissão sabe...são POUCOS os que não quero isso... eles já vêm PREparados pra isso...”; [trecho 4 – Gestora 2] “L2: a gente vê aqui os meninos aqui... numa turma de vinte alunos... digamos que cinco ainda dizem que vão ser isso ou aquilo mas a maioria... eles não têm uma perspectiva de dizer assim “eu vou ser isso... eu vou ser aquilo...” porque assim... no meu entender eu vejo assim... o meu pai é pescador... não tem estudo mas de qualquer forma está entrando aquela comida ali está entrando aquele dinheirinho dentro de casa...” [trecho 5 – Gestora 3]: “é infelizmente a gente tem uma clientela que não tem muito essa visão de futuro... tudo deles é “não eu sou pescador hoje eu vou no mar eu vou na lagoa eu pesco me alimento vendo tenho aquele dinheiro” acabou... eles não têm uma visão mais ampla... uma visão de futuro perspectiva de vida eles-não-têm...” [trecho 6 – Gestora 1] “...a gente tem muita dificuldade dos pais incentivarem eles a crescerem profissionalmente... a irem buscar outras... os pais assim::... vamos supor... chega no nono ano ‘áh mas/não já tá bom demais’ pra ser a rendeira pra ser o pescador... () (é preciso) que os pais deles tenham outras perspectivas outros... néh... que eles podem ir atrás da venda da renda em outro espaço... ou criar uma::: colônia de pescadores mais organizada uma coisa assim...”

Na visão das gestoras, os pais dos alunos, rendeiras e pescadores, mantêm uma valorização apreciativa sobre a manutenção das atividades da renda e da pesca e buscam perpetuar essa valoração nos seus filhos, impedindo-os de realizarem outras escolhas de futuro profissional.

Um aspecto importante no relato das gestoras é o enquadre que elas, enquanto agentes sociais da educação, procuram construir de si mesmas na interlocução, transferindo a responsabilidade dos insucessos do cotidiano escolar dos alunos à falta de

visão dos pais, o que, no nível enunciativo, pode ser observado na distinção: “nós” escola *versus* “eles” alunos e pais: “*eles* [os alunos/as] não têm perspectiva de futuro, *eles* não têm objetivos”; “...é infelizmente *a gente* tem uma clientela que não tem muito essa visão de futuro... tudo *deles* é ‘não eu sou pescador hoje eu vou no mar eu vou na lagoa eu pesco me alimento vendo tenho aquele dinheiro’ acabou... *eles* não têm uma visão mais ampla... uma visão de futuro perspectiva de vida eles-não-têm...”; “...*a gente* tem muita dificuldade dos pais incentivarem eles a crescerem profissionalmente... a irem buscar outras... os pais assim:... vamos supor... chega no nono ano ‘áh mas/não já tá bom demais’ pra ser a rendeira pra ser o pescador...”.

Verificamos assim, uma tensão no discurso das gestoras. No mundo da ação, elas abrem as portas para a comunidade: cooperam com a realização dos projetos, colocam as dependências da escola à disposição das associações do Pontal, emprestam os equipamentos da escola, etc. No mundo das representações simbólicas, entretanto, elas lançam um “olhar estrangeiro” para a comunidade e seus anseios.

5. Considerações

Nas interlocuções das entrevistas com as bordadeiras, a circulação de valores depreciativos da atividade do filé como trabalho desencadeou um processo de reconfiguração de posições, papéis e identidades do “eu” narrador das bordadeiras no fio do discurso, permitindo-nos compreender melhor o silenciamento observado nas atividades de letramento em contexto de trabalho desenvolvidas por ocasião de um projeto extensionista.

Com relação às identidades individual e coletiva, foi possível perceber que o individual se sobrepõe ao coletivo e que alguma mudança nessa postura demanda novos trabalhos.

As entrevistas na escola revelaram dois olhares diferentes: um olhar estrangeiro por parte das gestoras, que não residem no bairro, e dos auxiliares-técnicos, que, por serem moradores do Pontal têm outra percepção daquela realidade, das crenças e valores. A escola pode se tornar agenciadora de mudanças desde que passe a compreender os enquadres das relações entre as bordadeiras e os jogos de poder dentro da associação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, M. “ Para uma filosofia do ato: ‘ válido e inserido no contexto’ . In. BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BAKHTIN, M. VOLOSHINOV, V.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michael Lahud. Yara Frateschi Vieira. 7 ed. São Paulo HUCitec, 1929/1995.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CONNELLY, M & CLANDININ, D.J. *Narrative Inquiry. Complementary Methods for Research in Education*, 3rd Edition, Washington: American Educational Research Association, 2004.
- GOOFMAN, E. *Forms of talk*. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1981.

PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

ROCHA, G.; TOSTA, S. *Antropologia e educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.

ROJO, R. “A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos.” In. De PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.) *Círculo de Bakhtin: inter e intradiscursividades*. Campinas: Mercado das Letras, 2012.